



O STATUS DA VARIÁVEL SOCIOLINGUÍSTICA SOB AS PERSPECTIVAS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E DA SOCIOFONÉTICA

Ana Paula Correa da Silva Biasibetti (PUCRS/CNPq)¹
biasibetti.ana@gmail.com

RESUMO: A identificação da variável sociolinguística configura o ponto de partida da investigação científica que contempla a descrição do comportamento variável verificado em relação a diversos fatos linguísticos que ocorrem em toda e qualquer língua natural. Todavia, o *status* da variável sociolinguística nas diferentes teorias linguísticas é divergente e, portanto, deve ser explicitado a fim de estabelecer adequadamente a perspectiva de análise de cada modelo teórico. Com foco específico no aspecto sonoro da linguagem, este artigo tem por objetivo discutir o *status* da variável sociolinguística em duas teorias que investigam a variação fonética socialmente estruturada, a saber, a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) e a Sociofonética (FOULKES; DOCHERTY, 2006; FOULKES et al, 2010; THOMAS, 2011).

PALAVRAS-CHAVE: Variável sociolinguística. Sociolinguística Variacionista. Sociofonética.

ABSTRACT: The identification of the sociolinguistic variable is the starting point of the scientific investigation that contemplates the description of the variable behavior verified in relation to several linguistic facts that occur in every natural language. However, the status of the sociolinguistic variable is divergent in different linguistic theories and therefore must be explained in order to properly establish the perspective of analysis of each theoretical model. With a specific focus on the language sound level, this article aims to discuss the status of the sociolinguistic variable in two theories that investigate the socially structured phonetic variation, namely, Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]) and Sociophonetics ((FOULKES; DOCHERTY, 2006; FOULKES et al, 2010; THOMAS, 2011).

KEYWORDS: Sociolinguistic variable. Variationist Sociolinguistics. Sociophonetics.

1 Introdução

Entende-se por *variável sociolinguística* o conjunto de formas linguísticas distintas, porém intercambiáveis, pois apresentam o mesmo conteúdo semântico, que são utilizadas com diferentes frequências de uso correlacionadas à estratificação social dos falantes. Assim, é possível observar em relação a uma variável sociolinguística padrões de uso variável relacionados ao sexo, à idade e à etnia, entre outros, por exemplo.

Todavia, o *status* da variável sociolinguística nas diferentes teorias linguísticas é divergente e, portanto, deve ser explicitado a fim de estabelecer adequadamente a

¹ Doutoranda em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista CNPq.

perspectiva de análise de cada modelo teórico. Com foco específico no aspecto sonoro da linguagem, este artigo tem por objetivo discutir o *status* da variável sociolinguística em duas teorias que investigam a variação fonética socialmente estruturada, a saber, a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) e a Sociofonética (FOULKES; DOCHERTY, 2006; FOULKES et al, 2010; THOMAS, 2011).

Em essência, a variável sociolinguística pode ser tomada ou não como o primitivo de análise linguística. Por conseguinte, a análise do suposto “caos aparente” verificado nos fatos de variação linguística depende necessariamente do posicionamento teórico do pesquisador, no sentido de que a perspectiva teórica por ele adotada sintetiza suas crenças e hipóteses fundamentais sobre a linguagem.

Assim posto, entendemos que a discussão sobre o *status* da variável sociolinguística nas duas teorias elencadas é relevante pois o entendimento claro sobre os primitivos de análise linguística inerentes a cada modelo teórico é definidor das questões de pesquisa levantadas pelo linguista interessado em melhor compreender a estrutura e o funcionamento da língua através do fenômeno de variação sonora socialmente estruturada.

Este artigo está dividido em três seções. Primeiramente, tratamos das premissas teóricas e da caracterização da variável sociolinguística sob o viés da Sociolinguística Variacionista. Na sequência, discutimos o *status* da variável sociolinguística de acordo com as premissas teóricas da Sociofonética. Finalmente, apresentamos as considerações finais sobre o tema.

2 A variável sociolinguística sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista

A noção de heterogeneidade estruturada (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) consiste em uma teorização sobre como a representação de uma determinada unidade linguística (fonético-fonológica, morfossintática ou lexical) se sustenta diante do “caos aparente” verificado nos fatos de variação, isto é, diante das diferentes formas de se dizer ou de se referir à mesma coisa.

A heterogeneidade estruturada explica o fato de que os falantes podem utilizar formas distintas – as chamadas variantes – para se referirem às mesmas coisas porque a estrutura da língua dá margem à implementação de regras variáveis perfeitamente encaixadas ao sistema que operam ordenadamente em função de fatores linguísticos e sociais que atuam como favorecedores do processo. Assim posto, corrobora-se o fato de que a variação linguística não resulta de mistura dialetal ou de variação livre, mas de propriedades inerentes à língua e, em última instância, à linguagem.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 36), “(...) numa língua que serve a uma comunidade complexa (i. e., real), a *ausência* de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional”. Essa observação empírica reitera o entendimento de que a variação é uma propriedade fundamental da linguagem.

A sistematicidade do uso das formas variantes estaria associada, ainda segundo os autores, ao comportamento linguístico dos indivíduos que integram uma *comunidade de fala*, esta entendida como um grupo de indivíduos que compartilham a mesma gramática e as mesmas normas de uso linguístico. Em outras palavras, as noções de heterogeneidade estruturada e de comunidade de fala assumem que a variação linguística se sustenta através de formas específicas de uso linguístico compartilhadas pelos membros de determinados grupos sociais que, em comum, possuem a mesma gramática.

Tendo por base a teorização proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2009 [1968]), a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) assume que as formas variantes derivam da estrutura linguística e que o uso variável, condicionado por fatores linguísticos e extralinguísticos, pode ser quantificado. Ou seja, “(...) padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso” (LABOV, 2008, p. 150) podem ser verificados estatisticamente através da quantificação do grau de favorecimento de variáveis linguísticas e sociais sobre as variantes que constituem a variável dependente, isto é, que constituem a variável sociolinguística conforme ela é implementada em uma determinada comunidade de fala.

A exemplo, os estudos realizados por Labov sobre a variação sonora relacionada à centralização dos ditongos /aw/ e /ay/ em Martha’s Vineyard e ao /r/ pós-vocálico em



Nova York indicaram que a distribuição das formas variantes oscilava em função da faixa etária dos falantes, dos grupos ocupacionais e étnicos na primeira localidade, e do grau de prestígio socioeconômico dos clientes das lojas de departamentos investigadas na última.

Em português brasileiro, a fricativa alveolar em coda constitui uma variável sociolinguística de natureza fonética, a qual pode ser realizada variavelmente como fricativa alveolar [s], fricativa palato-alveolar [ʃ], fricativa glotal [h] ou apagamento. Brescancini (2002) observou o uso predominante de formas palato-alveolares (83%) e alveolares (12%) entre 88 falantes florianopolitanos², sendo que a coda medial, os contextos seguintes surdo, coronal [-anterior] e dorsal, os contextos precedentes vogal dorsal, vogal labial e glide labial e, por fim, a sílaba tônica foram os fatores linguísticos que mais favoreceram o uso da variante palatalizada, enquanto que as mulheres e os informantes com 14 ou mais anos de escolaridade foram os grupos sociais que mais favoreceram a variante palato-alveolar na localidade.

Observa-se a partir dos exemplos anteriormente reproduzidos que as variantes associadas a uma variável sociolinguística se correlacionam com grupos sociais específicos, ou seja, o uso das variantes que constituem uma variável sociolinguística é condicionado por fatores linguísticos e/ou extralinguísticos e pode ser estratificado socialmente.

Para tanto, a teoria Variacionista pressupõe que as normas de uso compartilhadas pelos membros de uma comunidade de fala são reconhecidas e praticadas pelos seus membros com diferentes graus de consciência. Assim, a variável sociolinguística pode ser de três tipos, a saber, um indicador, um marcador ou um estereótipo (LABOV, 1972). Os indicadores são variáveis que não são percebidas conscientemente pelos falantes. Os marcadores, por outro lado, são percebidos e revelam estratificação social e estilística. Os estereótipos, por fim, são variáveis explícitas que são objeto de estigma por parte dos membros da comunidade de fala.

² A variante glotal apresentou frequência de uso de 5% e o apagamento 1%.



Contudo, ainda que a heterogeneidade estruturada se materialize na forma de variáveis sociolinguísticas (e suas variantes), a variável sociolinguística é apenas um *dispositivo heurístico* (LABOV, 1978, p. 1) desenvolvido e utilizado pela Sociolinguística Variacionista.

Entende-se por dispositivo heurístico um recurso hipotético desenvolvido com o propósito de auxiliar a explicação sobre um fenômeno ou processo parcialmente compreendido. Portanto, a variável sociolinguística – à semelhança do conceito de heterogeneidade estruturada – é um recurso teórico concebido a fim de auxiliar a compreensão sobre o processo de variação linguística. Mais importante que isso, todavia, é o reconhecimento de que a variável sociolinguística não é o primitivo de análise linguística segundo a Teoria Variacionista.

Ainda que a língua varie, uma mesma gramática é comum aos falantes que dela fazem diferentes usos. Assim, essa gramática comporta uma única representação, isto é, um primitivo de análise que, no nível sonoro, é o fonema. Isso significa que os diferentes padrões de variação observados “(...) são invariantes no tocante a níveis particulares de uso” (LABOV, 2008, p. 150) porque a variação está restrita às normas de uso compartilhadas, ou seja, a variação pertence à “gramática” da comunidade de fala e, portanto, não apresenta representação mental.

Em outras palavras, a variável sociolinguística em si não possui representação subjacente, uma vez que a representação linguística contempla apenas relações opostas entre seus elementos, relação esta não verificada nos casos de variação sociolinguística. Por conseguinte, a variável sociolinguística não é entendida na perspectiva da Sociolinguística Variacionista como o primitivo de análise linguística, uma vez que não possui caráter representacional.

Assim posto, não cabe à Teoria Variacionista a discussão sobre o significado da variação sonora socialmente estruturada, uma vez que esta constitui uma esfera representacional que vai além do aspecto semântico/opositivo originalmente presumido pela variável sociolinguística, pois, em última instância, o conteúdo extralinguístico não está codificado cognitivamente. Interessa à Sociofonética, por outro lado, a questão do

conteúdo indexical que se associa a determinadas unidades linguísticas, isto é, os diferentes significados sociais associados à variável sociolinguística, pois, na perspectiva da referida teoria, o detalhe fonético é cognitivamente indexado. Isso significa que para a Sociofonética a unidade sonora comporta simultaneamente as representações linguística e social, ou seja, a variável sociolinguística possui representação mental plena.

Apresentamos na seção a seguir os principais pressupostos teóricos da Sociofonética e o *status* da variável sociolinguística sob essa perspectiva.

3 A variável sociolinguística sob a perspectiva da Sociofonética

Conforme Thomas (2011, p. 2), a Sociofonética configura-se como uma interface entre a Fonética e a Sociolinguística, áreas cujos objetivos de pesquisa “(...) convergem para a meta de compreender os aspectos cognitivo e diacrônico da linguagem”³. Assim sendo, a Sociofonética compartilha com a Sociolinguística Variacionista a premissa de que a variação é uma propriedade fundamental da linguagem, ao mesmo tempo em que compartilha com a Fonética questões de pesquisa voltadas para a descrição e para o entendimento da mudança da qualidade e identidade sonora ao longo do tempo.

Mais do que isso, a Sociofonética é uma proposta de modelamento e teorização sobre o lugar da variação socialmente estruturada no sistema linguístico, de tal modo que a Sociofonética “(...) vê o significado social como um aspecto crucial da cognição linguística”⁴ (THOMAS, 2011, p. 8). Seu escopo de investigação é definido a seguir:

(...) o tema unificador do trabalho sociofonético é a meta de identificar e, em última instância, explicar as fontes, os loci, os parâmetros e as funções comunicativas da variação socialmente estruturada. Nesta visão, os objetivos da Sociofonética incluem justificar como a variação socialmente estruturada no sistema sonoro é aprendida, cognitivamente armazenada, subjetivamente avaliada e processada na fala e na audição (FOULKES et al, 2010, p. 704)⁵.

³ “(...) they actually converge on the goal of understanding the cognitive and diachronic aspects of language”.

⁴ “It thereby views social meaning as a crucial aspect of the cognition of language”.

⁵ “(...) the unifying theme of sociophonetic work is the aim of identifying, and ultimately explaining, the sources, loci, parameters, and communicative functions of socially structured variation in speech. In this

Destaca-se o fato de que os estudos sociofonéticos avançam em relação à pesquisa Variacionista clássica, assim como em relação aos estudos puramente fonéticos, por abordarem questões sobre a representação cognitiva da informação indexical associada à variante fonética, o que, em última análise, implica em assumir que a variação sociolinguística se faz presente no processamento mais central da linguagem. Essa pressuposição, associada à ideia de que o significado social faz parte da cognição linguística, revela que a variável sociolinguística possui realidade representacional e, portanto, pode ser entendida como o primitivo de análise linguística sob a perspectiva Sociofonética.

A variação fonética socialmente estruturada apresenta dois níveis distintos de significação, a saber, a significação de cunho linguístico e a significação indexical. A primeira remete ao significado associado a uma unidade linguística em oposição ao significado de outras unidades linguísticas, oposição que não se verifica nos casos de variação, pois o compartilhamento do mesmo significado por diferentes variantes caracteriza a essência do processo variável. A segunda, por sua vez, equivale aos sentidos (ou indexicalidades) que se associam às unidades linguísticas que compartilham o mesmo conteúdo semântico.

A investigação sobre a sensibilidade dos indivíduos àquelas variantes fonéticas que veiculam algum conteúdo indexical, seja ele relacionado a características inerentes aos falantes (sexo, idade, etc.), ao pertencimento a um determinado grupo social (região, classe socioeconômica, etc.), a características culturalmente construídas (gênero, escolaridade, etc.) ou a atributos (profissionalismo, carisma, etc.) é pertinente para os estudos sobre a variação linguística porque as avaliações (implícitas ou explícitas) sobre as formas variantes podem revelar que a informação indexical que se associa a uma variante linguística está, na verdade, representado cognitivamente e, de alguma forma, em algum momento do processamento linguístico, se associa à variante.

view, the goals of sociophonetics include accounting for how socially-structured variation in the sound system is learned, stored cognitively, subjectively evaluated, and processed in speaking and listening”.

Inscrevendo-se em uma pesquisa linguística de cunho mais antropológico, o papel do significado social assumido pela Sociofonética em relação à variação fonética socialmente estruturada aproxima-se daquela desenvolvida por Gumperz (1982, p. vii), o qual afirma que as “variáveis sociolinguísticas são elas próprias constitutivas de realidade social e podem ser tratadas como parte de uma classe mais geral de signos indexicais que guiam e canalizam a interpretação da intenção”⁶. Logo, a variável sociolinguística deve ser entendida como um construto indexical por natureza, noção assegurada pelo fato de que as línguas são produtos socioculturais por excelência.

Assim, sob a perspectiva Sociofonética, a variável sociolinguística teria realidade representacional, pois contempla a representação sonora da variante e a representação de seus significados indexicais, de tal modo que a informação social poderia, inclusive, moldar a percepção do componente linguístico (NIEDZIELSKI, 1999; HAY et al, 2006; HAY; DRAGER, 2010).

O estudo de Strand e Johnson (1996), por exemplo, revelou que a percepção das consoantes fricativas por falantes da variedade americana de inglês é um caso explícito em que um aspecto não-linguístico está indexado às unidades linguísticas de tal forma que um estereótipo emerge e interfere na categorização da fricativa, movendo suas fronteiras perceptuais para outros pontos.

O referido experimento apresentava vídeos de rostos masculinos e femininos pronunciando as palavras “sod” e “shod” e os resultados indicaram que uma mesma produção da fricativa ora era percebida como [s] ora como [ʃ] dependendo do gênero do locutor apresentado simultaneamente ao estímulo. Ou seja, a fronteira perceptual entre as duas fricativas alterava-se em função da informação sobre quem as produzia. Em outras palavras, a representação social sobre a fala de homens e de mulheres foi acionada na tarefa de identificação de estímulos sonoros de tal modo que os estímulos foram interpretados de acordo com essa informação.

A Sociofonética prevê, portanto, que o detalhe fonético é cognitivamente indexicado, ou seja, os conteúdos sociais estão representados e associados às

⁶ “sociolinguistic variables are themselves constitutive of social reality and can be treated as part of a more general class of indexical signs which guide and channel the interpretation of intent”.



representações fonéticas das variantes. Assim sendo, a variável sociolinguística constitui, de fato, o primitivo de análise da teoria.

Conclusão

Em resumo, o significado da variação sonora socialmente estruturada constitui uma esfera representacional que vai além do nível semântico/opositivo originalmente presumido pela variável sociolinguística sob a perspectiva Variacionista, na qual o conteúdo indexical que se associa a determinadas unidades linguísticas não está representado cognitivamente. A variável sociolinguística é um recurso hipotético derivado da teorização sobre a heterogeneidade estruturada, esta sim uma propriedade inerente ao funcionamento linguístico.

O *status* da variável sociolinguística sob o viés da Sociolinguística Variacionista resume a investigação linguística à busca por correlações entre formas variantes e fatores linguísticos e sociais, ignorando os fatos associados ao significado social da variação. Por conseguinte, a variável sociolinguística deve ser entendida como um recurso teórico que confere o acesso para investigar o construto linguístico em si. Labov (1978, p. 1) afirma que a variável sociolinguística enquanto dispositivo heurístico tem contribuído amplamente para a investigação linguística, especificamente no sentido de que análises quantitativas sobre o uso de formas variantes vem revelando diversos fatos associados à estrutura e ao funcionamento linguístico.

No entanto, ainda que a teoria Variacionista assuma que os falantes são sensíveis ao uso das variáveis sociolinguísticas de forma mais ou menos consciente, seu entendimento sobre o lugar do significado social da variação no processamento linguístico ainda é inconclusivo.

Para que a pesquisa linguística avance em termos de entendimento sobre o papel da variação no processamento e, conseqüentemente, na arquitetura da linguagem, é necessário assumir que a língua é um produto sociocultural que, como tal, estrutura-se em razão de fatores socioculturais. Logo, o construto linguístico deve contemplar de alguma forma o aspecto social também em termos representacionais.

Assim posto, no que se aplica ao componente sonoro da linguagem, a Sociofonética surge como uma abordagem teórica promissora no sentido de que assume a variável sociolinguística como o primitivo de análise, isto é, como a unidade elementar da estrutura linguística portadora de significados linguísticos e indexicais, ambos representados mentalmente e acionados durante o processamento linguístico.

O reconhecimento da existência de indexicalidades associadas às variáveis sociolinguísticas constitui uma das principais questões de pesquisa da Sociofonética. A questão da indexicalidade vem sendo discutida desde o final da década de 1970 por teóricos que possuem posicionamentos distintos sobre o assunto.

Segundo Silverstein (1979, p. 193), a sistematização da indexicalidade prevê a atuação de ideologias linguísticas, entendidas como “(...) conjuntos de crenças sobre a língua articuladas pelos usuários como uma racionalização ou justificativa do uso e da estrutura linguística percebidos”⁷. Em outras palavras, as ideologias linguísticas configuram-se como um conjunto de percepções sobre o aspecto sociolinguístico inerente à linguagem enquanto construto cultural.

Além disso, Silverstein (2003) revela um entendimento de que todo e qualquer produto linguístico é portador de significados sociolinguísticos inerentes que são reescritos pelos usuários da língua e por eles legitimados através dos valores que são atribuídos. Eckert (2008, p. 454), por outro lado, entende que não há significados inerentes às variáveis sociolinguísticas. A autora sugere que um *campo indexical*, entendido como “uma constelação de significados ideologicamente relacionados, qualquer um dos quais podendo ser ativado no uso contextualizado da variável”⁸, confere sistematicidade aos fatos linguísticos variáveis.

Ao que parece, é comum aos diferentes entendimentos apresentados que a variação sociolinguística é uma instância de elaboração ideológica na qual os falantes assumem um papel agentivo, no sentido de que atuam de acordo com suas percepções

⁷ “(...) sets of beliefs about language articulated by users as a rationalization or justification of perceived language structure and use”.

⁸ “(...) constellation of ideologically related meanings any one of which can be activated in the situated use of the variable”.



sobre o uso e a estrutura linguística em contextos interacionais. Assim posto, cabe a teorias tais como a Sociolinguística Variacionista e a Sociofonética pensar a variação linguística também sob o aspecto perceptual de forma a complementar a análise de dados de produção variáveis a fim de desvendar o comportamento linguístico associado à variação sonora socialmente estruturada. Cabe, portanto, discutir o *status* da variável sociolinguística sob as referidas perspectivas de análise.

Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa de estudos concedida.

Referências

- BRESCANCINI, Cláudia Regina. **A fricativa palato-alveolar e sua complexidade**: uma regra variável. 362 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- ECKERT, Penelope. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, v. 12, p. 453-476, 2008.
- FOULKES, P.; DOCHERTY, G. The social life of phonetics and phonology. **Journal of Phonetics**, v. 34, n. 4, p. 409-438, 2006.
- FOULKES, P.; SCOBIE, J. M.; WATT, D. J. L. **Sociophonetics**. In Hardcastle, W., Laver, J. & Gibbon, F. (eds.) *Handbook of Phonetic Sciences* (2nd Ed.). Oxford: Blackwell, 2010.
- HAY, J.; DRAGER, K. Stuffed toys and speech perception. **Linguistics**, v. 48, n. 4, p. 865-892, 2010.
- HAY, J.; NOLAN, A.; DRAGER, K. From fush to feesh: exemplar priming in speech perception. **The Linguistic Review**, v. 23, p. 351-79, 2006.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- _____. Where Does the Linguistic Variable Stop? A Response to Beatriz Lavandera. **Working Papers in Sociolinguistics**, n. 44, 1978.
- NIEDZIELSKI, Nancy. The effect of social information on the perception of sociolinguistic variables. **Journal of Language and Social Psychology**, v. 18, p. 62-85, 1999.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 7 • Número 20 • Novembro/Fevereiro 2017

SILVERSTEIN, M. Shifters, linguistic categories, and cultural description. **Meaning in anthropology**. K. H. Basso and H. A. Selby. Albuquerque: University of New Mexico Press, p. 11-55, 1976.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language and communication**, v. 23 (3-4), p. 193-229, 2003.

STRAND, E. A.; JOHNSON, K. Gradient and visual speaker normalization in the perception of fricatives. In: **Natural language processing and speech technology: results of the 3rd KONVENS conference**. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 14-26, 1996.

THOMAS, Erik R. **Sociophonetics: an introduction**. Basingstoke, UK/New York: Palgrave, 2011.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

Recebido Para Publicação em 28 de novembro de 2016.

Aprovado Para Publicação em 18 de maio de 2017.